

CANA-SACARINA e RUM DA MADEIRA – Factos Históricos

A Ilha da Madeira foi descoberta nos tempos áureos dos descobrimentos portugueses, por João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrello, em 1419. Os três capitães donatários receberam o domínio das capitânias sob direção do Infante D. Henrique, e logo desbravaram as terras e ocuparam o solo desta Ilha com cultura de trigo, vinha e cana-de-açúcar.

Os primeiros colonizadores eram membros da nobreza portuguesa e trouxeram para a Ilha trabalhadores e artesãos vindos do Norte de Portugal. Os privilégios especiais concedidos a quem colonizasse a Ilha, nestes primeiros anos de exploração, aliciaram igualmente grandes empresários da Europa, que desde cedo se aperceberam das potencialidades da Madeira na exploração de ligações com importantes mercados de exportação.

A densidade da vegetação da Ilha obrigou a que grandes áreas de terras fossem queimadas, o que contribuiu ainda mais para a sua fertilidade. Logo nos primeiros anos de colonização, até 1461, foi construído o primeiro sistema de levadas que, ao longo dos séculos, foi sendo paulatinamente acrescentado.

A agricultura prosperou com grande incidência na cultura da cana-sacarina, mas também da vinha e do trigo. Em 1466, o açúcar tinha-se tornado o principal produto produzido na Madeira e, para além das exportações que até então se dirigiam a Portugal Continental, Golfo da Guiné e mercados Africanos, deu-se a sua expansão aos mercados do Mediterrâneo e do Norte da Europa.

Foi na Ilha Madeira que nasceu a tecnologia que atualmente se desenvolve por todo o mundo, quer na produção de cana sacarina, como na sua transformação para o fabrico de açúcar, de mel-de-cana, de rum e de álcool, pelo que existe ainda hoje, por toda a Ilha, vários testemunhos vivos do seu papel secular.

São múltiplas e variadíssimas as evidências que ao longo da história demonstram a estreita e inequívoca ligação da cultura da cana-de-açúcar e do «Rum da Madeira» à RAM, nomeadamente em referências bibliográficas.

Séc. XV

A cultura da cana-sacarina, foi introduzida na Ilha da Madeira por volta de 1425, logo após o início do seu povoamento, a mando do Infante D. Henrique, dado o potencial interesse económico desta cultura, atendendo a que o açúcar era um produto muito procurado por reis e nobres de toda a Europa. A introdução da cultura fez-se através de “estacas” provenientes da Ilha da Sicília tendo revelado desde o início grande adaptabilidade às condições edafoclimáticas propiciadas pelas zonas dos primeiros povoamentos, nas cotas mais baixas, da costa este e sul da Ilha, onde as populações foram adquirindo elevado saber na sua produção e utilização, o que, associado à posição geográfica estratégica da Ilha da Madeira, estimulou o desenvolvimento da cultura de cana e das técnicas de produção de açúcar que mais tarde se expandiriam com a descoberta da América, primeiro pelos portugueses ao Brasil e mais tarde nas ilhas do Caribe e nas Antilhas.

Devido às condições edafoclimáticas da Ilha da Madeira, gerou-se uma produção de cana-de-açúcar em quantidade suficiente para a Ilha iniciar a exportação de açúcar e, segundo refere Luis de Cadamosto, navegador veneziano, em 1455, a produção do açúcar na Madeira era na sua quase totalidade para exportação. Em 1466, para além das exportações que até então se dirigiam a Portugal Continental, Golfo do Quênia e mercados Africanos, deu-se a sua expansão aos mercados do Mediterrâneo e do Norte da Europa.

Séc. XVI

O século XVI inicia-se na Ilha com o decréscimo do cultivo da cana-de-açúcar, o que se deve a um conjunto de fatores entre os quais uma produção excedente e a exaustão dos solos. No final do século, a crise instala-se, com a concorrência do açúcar do Brasil que oferece preços muito mais baratos.

Séc. XVII

Com a doença dos canaviais madeirenses e com a concorrência do açúcar do Brasil, novas culturas surgem da Madeira, como a vinha, cidra e outros frutos. A moenda da cana-sacarina que chegou a ocupar cerca de meia centena de engenhos no Séc. XVI, diminuiu bastante nos cem anos seguintes, sendo que, apenas um engenho se encontrava em laboração no Séc. XVIII.

Séc. XVIII

Por todo o século XVIII a aposta preferencial foi apenas na vinha, que retirou espaço aos canaviais. Mesmo assim estes tiveram continuidade, uma vez que existem dados que documentam a existência de canaviais e sabe-se que o engenho dos Socorridos se manteve em funcionamento por todo o século XVIII.

Séc. XIX

Com as doenças que assolaram a vinha, em meados do século XIX (com a aparição do oídio e da filoxera, que quase dizimaram totalmente os vinhedos madeirenses da altura), surgiu a necessidade de se recorrer a outras culturas e é aqui que renasce a cana sacarina. Inicialmente limitada aos terrenos baixos do sul, irá, progressivamente, abrangendo zonas não aconselhadas para a sua produção, até que, entre 1882-1886, uma doença quase destrói por completo os canaviais madeirenses, provocada pelo fungo *Coniothyrium melasporum*.

A introdução de novas variedades possibilitou a reconstrução dos canaviais que, a partir de 1890, se expandem novamente, alimentando a indústria açucareira e o fabrico de rum agrícola (que entre os madeirenses é normalmente conhecido como “aguardente de cana”) surgindo assim, os primeiros engenhos de destilação de aguardente. Entre 1847 e 1870, estimam-se a existência de 26 engenhos de destilação de aguardente. Esta situação de desenvolvimento manteve-se até os finais da década de 30 do século XX, quando a cultura chegou a ocupar uma área de cerca 6.500ha, tendo voltado a decair, por delimitação das zonas agrárias, estimando-se em 1952, uma superfície total de 1.420ha, tendência de decréscimo que se manteve de forma acentuada durante toda a segunda metade do século XX.

Séc. XX

Até finais da década de 80, do século passado, constatou-se um abaixamento substancial da área de cultivo, essencialmente relacionado com o encerramento de diversas unidades industriais de grande importância para o escoamento da produção, como o da empresa Hinton e o engenho de Machico. Efetivamente este facto levou a um colapso da cultura, por falta de vias de escoamento, ficando circunscrita a pouco mais de uma centena de hectares de área (em 1986 era de 119,9 ha, decrescendo rapidamente para 90,3 ha, em 1988). Para além disso, os agricultores começaram a ter outras apetências culturais, nomeadamente para a bananeira, hortícolas, fruteiras tropicais e subtropicais, vinha, etc.

Séc. XXI

Já com a viragem do século, nos últimos anos, houve um impulso crescente na produção de cana sacarina sustentado fundamentalmente pelos vários incentivos (maior procura de “Rum da Madeira” melhores preços, fornecimento de propágulos de qualidade, apoio técnico à plantação, novos projetos de investimento, etc.), desenvolvidos pelas autoridades regionais (Secretaria Regional de Agricultura e Pescas) que continuou a anunciar várias medidas de apoio à fileira da produção e à transformação da cana-sacarina. Também se incrementou e defendeu os seus derivados, de

qualidade única, fruto de uma longa experiência dos seus industriais, que conseguiram manter vivo todo um universo histórico, patrimonial e económico típico desta terra.

Consequentemente, nos últimos anos verificou-se um crescimento mais significativo da área ocupada com cana-sacarina, que passou a aproximar-se dos 172ha.

Deste modo, mantém-se atual o cartaz turístico canavieiro, constituído pelos odores únicos dos engenhos em laboração e pelos sabores dos seus derivados, como também se volta a incrementar todas as tradições regionais históricas baseadas nesta cultura.